



A EXCLUSÃO SOCIAL E ESCOLAR DOS HOMOSSEXUAIS: UM ESTUDO À LUZ DA TEORIA DO ABUSO

Mary Rangel (UFF e UERJ)¹
Marcio Caetano (UFF e ONG Grupo Arco-Íris)²

Esta pesquisa constituiu-se num estudo preliminar a uma investigação mais ampla, que a ela se sucederá, sobre processos de exclusão escolar, decorrentes de abusos possivelmente sofridos por homossexuais.

A discussão teórica introduz-se pela questão do estresse e seus efeitos psicossomáticos e emocionais, enquanto decorrências de abusos, para, em seguida, observar seus conceitos, conseqüências e categorias.

¹ Doutora em Educação (UFRJ - 1990), com Pós-Doutorado na área de Psicologia Social (PUC - 1998). Professora Titular de Didática da UFF e Titular da área de ensino-aprendizagem da UERJ. E-mail: mrangel@abel.org.br. BRASIL – Rio de Janeiro.

² Mestrando em Educação da UFF e diretor do Grupo Arco-Íris de Conscientização Homossexual (ONG). E-mail: mrvcaetano@globocom.com. BRASIL – Rio de Janeiro.

A verificação de dados da Organização Não Governamental (ONG) Arco Íris sobre violências sofridas por homossexuais complementa a fundamentação que se procura nesta pesquisa, no interesse de associá-los, na investigação posterior, a possíveis abusos e suas categorias, situando-os no ambiente escolar.

Assim, reuniram-se nesta pesquisa elementos que sustentam a sua continuidade, pretendendo-se que seja feita através da representação social (RS) de homossexuais, participantes da ONG Arco Íris, sobre a escola na qual permaneceram ou da qual, eventualmente, possam ter sido excluídos, para que se possa avaliar, nas dimensões da RS, possíveis informações sobre abusos, cuja presença, se constatada, será vista em suas categorias e suas prováveis influências sobre processos e formas de exclusão escolar.

Os **objetivos** desta pesquisa foram expressos nos termos que se seguem:

Objetivo geral

- Formar um corpo teórico que, associado a dados da ONG Arco Íris, constitua-se em estudo preliminar a uma investigação mais ampla, que a ela se sucederá, sobre processos de exclusão escolar, decorrentes de abusos possivelmente sofridos por homossexuais.

Objetivos específicos

- Reunir conceitos teóricos sobre abusos e suas categorias.
- Observar o estresse e seus efeitos, enquanto conseqüências de abusos.
- Obter dados da ONG Arco Íris a respeito de formas de violência sofridas por homossexuais no meio social, reunindo, desse modo, indícios que possam ser associados a abusos, conforme possam ser informados na próxima investigação.

Quanto à **metodologia**, utilizou-se, essencialmente, a análise de conteúdo, apoiada em Bardin (1979), para examinar na literatura, com especial atenção ao estudo de Costa (2003), os conceitos e categorias de abusos e para reunir os dados da ONG Arco Iris sobre violências sofridas por homossexuais no meio social.

Na metodologia adotada, seguiram-se as etapas de pré-análise, ou organização do material, análise descritiva e análise referencial, focalizada nos aportes sobre abuso.

A escolha do método deveu-se à sua aplicação à análise das comunicações, favorecendo a identificação e compreensão de temas que nelas se apresentam de modo significativo. Realizou-se, portanto, a análise temática de conteúdo, especialmente enfatizada nessa perspectiva metodológica, iniciando-se pelos aportes sobre estresse como efeito do abuso, para então observar seu conceito e suas categorias.

Estresse e abuso

A exclusão tem diversas formas ou tipos. Um dos enfoques teóricos que explicam os tipos de exclusão é o que se encontra na discussão do abuso. Essa discussão leva à análise do conceito de bem-estar subjetivo e seu prejuízo através de ações, atitudes e palavras abusivas que provocam o estresse.

O bem-estar subjetivo inclui, segundo Ryff (1989), auto-estima, auto-aceitação, auto-determinação, relações sociais positivas, orientadas pelo respeito, qualificação e acolhimento, superação de medos, opressões e fatores de tensão que prejudicam a tranquilidade e a saúde.

O estresse incorpora uma série de fatores que influem na periodicidade, permanência e profundidade de efeitos somáticos, emocionais, sociais e psicológicos e diferentes níveis de tensão, ansiedade e depressão, que prejudicam o bem-estar.

Wallon (1979) é um dos autores que analisaram os efeitos do estresse, destacando a redução da capacidade de atenção e concentração, assim como da memória e condições de ação, decisão e relações humanas e sociais, afetando a confiança e auto-valorização.

As perturbações, o desconforto psicossomático, provocados ou acentuados pelo estresse, são compreendidos como “fenômenos psíquicos que resultam em tensão prolongada, podendo causar distúrbios fisiológicos e, eventualmente, patologia dos órgãos” (Nader e Barros, apud Costa, 2003, p. 5). Assim, a resposta orgânica e psicológica a freqüentes desconpensações emocionais significam formas de expressão da negatividade ou transtornos dessas emoções.

Salovey et al. (2000) apontam os efeitos do estresse nas funções cardiovasculares e no sistema imunológico. Essas formas de reação psicossomática representam manifestações do corpo, uma vez que o indivíduo sujeito a estresse tem inibida a sua capacidade de expressão por palavras ou ações.

Dantas (apud Costa, 2003, p. 8) observa que as emoções afetadas pelo estresse podem ser de natureza hipotônica, relacionada aos efeitos do estresse no susto e na depressão, ou de natureza hipertônica, na qual se manifestam a revolta, a raiva e a ansiedade. Nas emoções hipertônicas, a tensão concentrada é extremamente exaustiva e dolorosa.

Segundo Costa (2003), estudos sobre o estresse em estudantes de medicina constataram a ocorrência de abusos e seu índice significativamente maior quando os estudantes, tanto do sexo masculino, quanto do sexo feminino, não correspondiam às expectativas tradicionais de seu sexo.

Os abusos em estudantes eram pouco reconhecidos, ou quando reconhecidos, eram freqüentemente ignorados até a década de noventa.

O próprio termo “abuso”, utilizado mais comumente no caso de crianças, só na última década começou, ainda que de forma incipiente, a ser considerado no caso de estudantes e no ambiente escolar. Mesmo assim, nessa década, não se encontrou na literatura latino-americana a discussão do problema em ambientes escolares ou acadêmicos (Ibid.).

No artigo sobre a relação professor-aluno, inquietações e indagações, publicado em 1994 pela Revista Brasileira de Educação Médica (Hossne, apud Costa, 2003, p. 15) a questão do abuso é discutida sob o ponto de vista ético, referente ao “mau tratamento (ou trato) físico ou psicológico como forma de manifestação de impulsos agressivos ou sublimados pelo professor”.

Na Inglaterra e na Austrália, pesquisa da década de noventa em escolas de medicina revelaram baixa incidência de abusos. Entretanto, esse resultado foi relativizado pelo próprio uso restrito do conceito de “abuso”.

O conceito de “abuso”, cuja ampliação de sentido passa a ser mais reconhecida a partir dos anos 90, encontra em autores como Silver e Glicken (1990, p. 527) uma definição de maior alcance, referindo-se a “atos ou palavras negativas, desnecessárias e evitáveis, infligidos por uma pessoa a outra ou outras”.

Costa (2003, p. 16) compara, então, o sentido literal de abuso e de maus-tratos, para observar que o termo abuso inclui “prevaler-se de, aproveitar-se de, praticar excessos que causam ou podem causar dano”, assim como o uso de palavras para desqualificar, ridicularizar, fazer zombarias, injúrias, insultos, “usar mal ou inconvenientemente de qualquer situação de superioridade de que se desfruta” e exceder-se em limites que ultrapassam o respeito pelo outro.

Quanto a “maus tratos”, a autora toma como referência a caracterização como “crime”:

...Crime de quem expõe a perigo a vida ou a saúde de pessoa que se acha sob sua autoridade, guarda ou vigilância, para fins de educação, ensino, tratamento ou cuidados indispensáveis, seja impondo-lhe trabalho excessivo ou impróprio, seja abusando de meios corretivos ou disciplinares (Ferreira, apud Costa, 2003, p. 16).

Assim, observa-se que o sentido de “maus tratos” possui uma conotação mais forte que abuso, supondo, inclusive, uma possível lesão física. O termo “abuso”, portanto, inclui agressões que, mesmo não ferindo o corpo, ferem a sensibilidade, as emoções, a auto-estima e desrespeitam a identidade e singularidade da pessoa atingida, podendo causar transtornos ou desconforto emocional, que podem traduzir-se até mesmo em manifestações psicossomáticas.

Nessa perspectiva, enfatiza-se a conseqüência de humilhações, que podem ser tanto ou mais traumáticas e de efeitos tão ou mais profundos do que a lesão física, no aspecto de que as cicatrizes poderão ser mais permanentes e os cortes mais profundos, porque atingem a alma, a valorização pessoal, a autoconfiança e a confiança no outro. O pensamento e as relações ficam prejudicados pela vergonha, pela culpa, pelo medo, pelos bloqueios à auto-aceitação, incluindo injúrias e discriminações sexuais, boatos maliciosos, oportunidades negadas, palavras pejorativas.

No estudo de Richman et al. (1992) sobre abusos sofridos por estudantes de medicina, constaram-se efeitos psicopatológicos visíveis e mensuráveis. Os estudantes que sofreram episódios abusivos apresentaram uma tendência significativamente maior a sintomas de depressão e ao uso de bebidas alcoólicas. Nesse mesmo estudo, encontrou-se uma freqüência maior de abusos verbais, pelo uso de ironia, sarcasmos, ou diversas formas de agressões ou desqualificações por palavras.

Os abusos terão maior ou menor efeito sobre a pessoa de acordo com a forma como forem interpretados, pois no processo de interação não conta apenas o evento real, ou o fato em si, mas a maneira como foi compreendido ou recebido. O abuso é dimensionado na relação de quem o faz e quem o recebe.

Entretanto, mesmo nessa perspectiva, não se pode minimizar a importância de ações abusivas, considerando-as como casos ou eventos isolados ou como exagero de percepção de estudantes ressentidos, despreparados, excessivamente sensíveis, ou emocionalmente imaturos. “A noção de trauma cumulativo enfatiza a toxicidade do ambiente de ensino que falha em reconhecer o abuso a estudantes ou a considerá-lo inconseqüente” (Costa, 2003, p. 20).

Observa-se, nessa mesma direção de análise, a naturalização de ações ou palavras abusivas que, desse modo, não são denunciadas, questionadas, enfrentadas e investigadas em profundidade.

Contudo, as humilhações e desqualificações de estudantes, se introjetadas, podem levá-los a atitudes de passividade, acomodação. É o que se pode chamar de “desesperança aprendida”. Esse é o caso do estudante que “atribui uma causa interna, incontrolável e estável a seu fracasso” e pode, então, ser condicionado a formar e consolidar expectativas de frustrações e insucessos.

As denúncias a abusos são pouco freqüentes em estudantes, seja porque não acreditam na ação de quem exerce a autoridade e, portanto, na punição de quem age abusivamente, seja porque têm receio de serem responsabilizados ou ridicularizados pelo abuso sofrido.

Entre as propostas de medidas a serem adotadas pelas escolas e universidades para evitarem ações abusivas, encontram-se:

- Criar um grupo, comitê ou comissão no intuito de constituir uma instância que receba e investigue as queixas e denúncias;
- Propiciar o encontro e o diálogo de quem exerceu e sofreu o abuso;
- Estabelecer critérios e meios de disciplinar ou punir os responsáveis por abusos;
- Prover acompanhamento e aconselhamento das pessoas envolvidas;
- Proteger a privacidade dos estudantes, mantendo em caráter confidencial as informações referentes aos casos de abuso, evitando comentários ou retaliações;
- Estimular os estudantes a recorrerem aos sistemas e grupos de apoio, como a família, amigos e professores (Costa, 2003).

Em pesquisa de Rangel (1995), confirmaram-se argumentos ao princípio de que a aprendizagem é facilitada pela associação ao afeto e ao prazer que a relação educativa pode (deve) proporcionar. Assim, a dor da vergonha, do medo, da ansiedade e a tensão do estresse sem dúvida são fatores antagônicos à formação do conhecimento e da personalidade.

A liberdade, o acolhimento, a qualificação geram segurança e estímulo a processos sociocognitivos e atividades práticas que colaboram no sentido da consolidação de pensamentos favoráveis à aprendizagem e às relações sociais. Nesse mesmo prisma, as agressões, por palavras, ironias ou gestos de indiferença ou ridicularização podem ser um obstáculo ao desenvolvimento e à

expressão da inteligência, ocasionando um estado de paralisia mental e psicológica. O molestar e a discriminação sexual, como formas de abuso, podem causar o mesmo efeito.

A solidão, a depressão, os suicídios podem ter na sua gênese o abuso das palavras, que se expressam nas piadas, nas brincadeiras, nas ironias, no menosprezo, determinados por preconceitos ou estereótipos excludentes.

Recorrendo-se, novamente, a Costa (2003), encontra-se a seguinte classificação de abusos:

- verbal – humilhações, comportamento rude ou hostil, observações sarcásticas, desmerecedoras e até mesmo ataques verbais diretos;
- institucional, acadêmico ou do sistema educacional – indicação de tarefas, não para a aprendizagem, mas como forma de punição; ameaça de notas baixas e reprovação;
- físico – ameaças físicas; contatos físicos negativos, como chutes, tapas, socos ou objetos lançados; e
- sexual – sutil, implícito ou explícito; insinuações ou observações de caráter sexual; discriminação; injúrias sexuais ou favoritismos.

Com essa classificação de abuso, associada aos aportes teóricos aos quais se recorrem, neste estudo, para a compreensão do estresse e seus efeitos, pode-se, com mais fundamentação e esclarecimento, chegar à situação do homossexual, focalizando, nessa pesquisa preliminar, os dados da ONG Arco Iris sobre formas de violência por eles sofridas no meio social.

Violência contra homossexuais: dados do Grupo Arco-Íris de Conscientização Homossexual

Os dados de vitimização de homossexuais no Brasil são fornecidos basicamente por duas fontes. A primeira é fornecida pelo Disque Defesa Homossexual (DDH)³. O outro dado é fruto de uma coletânea de artigos da imprensa brasileira, organizado pelo Grupo Gay da Bahia⁴, que se

³ O Disque Defesa Homossexual é um programa de atendimento a homossexuais vítimas de violência dirigido por voluntários do movimento homossexual em parceria com o Governo do Estado do Rio de Janeiro.

⁴ Veja *Violação dos direitos humanos e assassinato de homossexuais no Brasil – 1999* (2000); *Assassinato de homossexuais: Manual de Coleta de Informações, Sistematização e Mobilização Política contra Crimes Homofóbicos* (2000); *Causa Mortis: Violência contra homossexuais* (2001); *O Crime Anti-Homossexual no Brasil* (2002), organizados por Luiz Mott *et al.*, Editora Grupo Gay da Bahia.

tornou importante por publicizar crimes vitimizando homossexuais. Ambos permitiram ampliar as percepções sobre dinâmicas mais silenciosas e cotidianas da violência a homossexuais, resultando nas ações de discriminações, ofensas e extorsões.

No ano de 2003 foi lançada pela editora Palla a publicação “Política, direitos, violência e homossexualidade: Pesquisa 8ª Parada do Orgulho GLBT⁵- Rio” (Caetano, Carrara, Ramos, 2003), com dados obtidos a partir da aplicação de questionários junto aos frequentadores da “8ª Parada do Orgulho GLBT- Rio 2003”, realizada pelo Grupo Arco-Íris de Conscientização Homossexual, em 29 de junho na Avenida Atlântica- Copacabana- RJ. A pesquisa foi coordenada pelo Centro latino-americano em sexualidade e direitos humanos/IMS/UERJ, Centro de Estudos de Segurança e Cidadania/UCAM e Grupo Arco-Íris de Conscientização Homossexual. Os resultados obtidos na pesquisa permitiram indicar que mais da metade dos entrevistados, quase 60% , já havia sofrido algum tipo de agressão diretamente ligada a orientação sexual homossexual.

As informações da pesquisa realizada pela ONG Arco Iris em 2003

Em Caetano, Carrara e Ramos (2003) encontram-se as informações da pesquisa realizada pela ONG Arco Íris.

Discriminação: a principal agressão contra todos/as homossexuais

Os entrevistados na pesquisa citada, em ampla maioria, disseram terem sido vítimas de discriminação relacionada à homossexualidade (58,5%). Em pergunta aberta sobre tipos de discriminações, as respostas alternaram-se entre impedimento de acesso a estabelecimentos comerciais, mal tratamento por parte de servidores públicos, colegas, amigos e familiares, chacotas, expulsão de casa, problemas na escola e no trabalho. A experiência da discriminação é percebida de forma igualmente intensa por homossexuais muito jovens (64,3% na faixa 19 e 21 anos) e por mais velhos (61% na faixa acima de 40 anos).

⁵ A sigla é utilizada para nomear os diversos segmentos, ou seja, Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros-GLBT

A publicização da ofensa verbal

A vitimização por ofensas verbais relacionadas à homossexualidade foi experimentada por (56,3%) dos homossexuais entrevistados. O que chama a atenção é o grau ainda alto de impunidade para ofensas verbais e a inexistência de sanções, tanto criminais como sociais, para as ofensas relacionadas à homossexualidade, freqüentemente consideradas apenas “piadas”.

As marcas deixadas pelas agressões

Foi feita a pergunta: qual o tipo de violência mais marcante de que você foi vítima? (pergunta direcionada aos que afirmaram já ter sofrido algum tipo de violência). Os dados foram distribuídos: 1º. as discriminações (33%); 2º. As agressões verbais (32%); 3º agressões físicas (11,8%); 4º chantagens e extorsões (8,2%); 5º agressões sexuais (4,6%).

Locais e autores das agressões marcantes

As ações preventivas ou de coerções às diversas formas de violência têm sentido diferente e, portanto, exigem diferentes providências e apoios para a vítima. Por isso, foi perguntado aos entrevistados sobre o local da agressão e o agressor.

Metade das agressões que foram apontadas como mais marcantes ocorreram em locais públicos (50,2%), seguido de um número expressivo (14,9%) nas dependências da casa da vítima, logo após (11,9%) na escola, (11,2%) em estabelecimentos comerciais e (9,5%) no trabalho. Ainda é importante mencionar que 25,9% dos adolescentes na faixa de 14 e 18 e 20,4% dos jovens entre 19 e 21 anos foram vítimas de agressões ocorridas na escola.

Entre os autores das agressões foram: 1º- desconhecidos (136 casos), 2º- colegas de trabalho ou escola (36), 3º- familiares (28), 4º- amigos (27), 5º -policiais ou seguranças (23), 6º- vizinhos (17), 7º- parceiro(a)s (13), 8º- professores ou chefes (9) e 9º- funcionários públicos.

42 agressões foram denunciadas a órgãos públicos. Entretanto, 100 entrevistados afirmaram não ter divulgado a agressão a pessoa alguma, o que evidencia a conseqüência mais marcante do “abuso”: a subalternização e o sentimento anti-natural do medo. Esse quadro confirma e aprofunda a observação de que a violência contra homossexuais é vivenciada de forma silenciosa

e que a significativa maioria das agressões, não só estão impunes, como sequer foram oficializadas em registro jurídicos.

Considerações finais

As informações reunidas nesta pesquisa constituem-se em dados e fundamentos significativos a uma investigação mais ampla que a ela se sucederá.

A compreensão do significado de abuso e suas categorias, conforme foram reunidos e analisados, compõem um corpo teórico importante para o prosseguimento das análises que se pretende ampliar e aprofundar, de modo que essa discussão possa ser fortalecida em seus fundamentos e seu alcance.

Os dados obtidos da ONG Arco Iris complementam os aportes teóricos, recomendando e sustentando as perspectivas e motivações da pesquisa e sua importância ao enfrentamento de processos de exclusão escolar e social, particularmente acirrados no caso de homossexuais e das diversas formas de violência a que têm sido submetidos.

Retoma-se, finalmente, o conceito de bem-estar subjetivo, para entendê-lo como um direito do ser humano, como pessoa e como cidadão, que vive a sua singularidade, em meios escolares e sociais, que se constituem de modo plural.

Assim, todo ser humano, seja caracterizado com “hetero”, seja como homossexual, tem o direito à auto-aceitação, às relações sociais positivas, orientadas pelo respeito, qualificação e acolhimento, à autonomia, à determinação de sua própria vida e realizações, à auto-estima, à razão de viver e ao crescimento pessoal e social. E é por esses valores que esta pesquisa prosseguirá.

Referências bibliográficas

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

CAETANO, Marcio; CARRARA, Sérgio e RAMOS, Silvia. **Política, direitos, violência e homossexualidade**: 8ª Parada do Orgulho GLBT- Rio 2003. Rio de Janeiro: Pallas, 2003

- COSTA, L. S. M. da. **Abuso no curso médico e bem-estar subjetivo**. 2003. Tese (Curso de Doutorado em Psicologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- NADER, D. A.; BARROS, A. F. Estudo de perturbações psicossomáticas em estudantes de medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora. **Revista do Hospital Universitário**. Juiz de Fora, v. 18, n. 1, p. 69-79, 1991.
- RYFF, C. D. Happiness is everything or is it? Exploration on the meaning of psychosocial well being. **Journal of Personality and Social Psychology**. v. 57, n. 6, p. 1069-1081, 1989.
- SALOVEY, P. et al. Emotional states and physical health. **American Psychologist**. v. 55, n. 1, p. 110-121, 2000.
- SILVER, H. A; GLIKEN, A. D. Medical student abuse: incidence, severity and significance. **Journal of the American Medical Association**. v. 263, n. 4, p. 527-532, 1990.
- RICHMAN, J. A. et al. Mental health consequences and correlates of reported medical student abuse. **Journal of the American Medical Association**. v. 267, n. 5, p. 692-694, 1992.
- RANGEL, M. “Bom aluno”: real ou ideal? 1995. Tese (Concurso para Professora Titular da área de ensino-aprendizagem). Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- WALLON, H. **Do acto ao pensamento**: ensaio de psicologia comparada. Lisboa: Moraes, 1979.